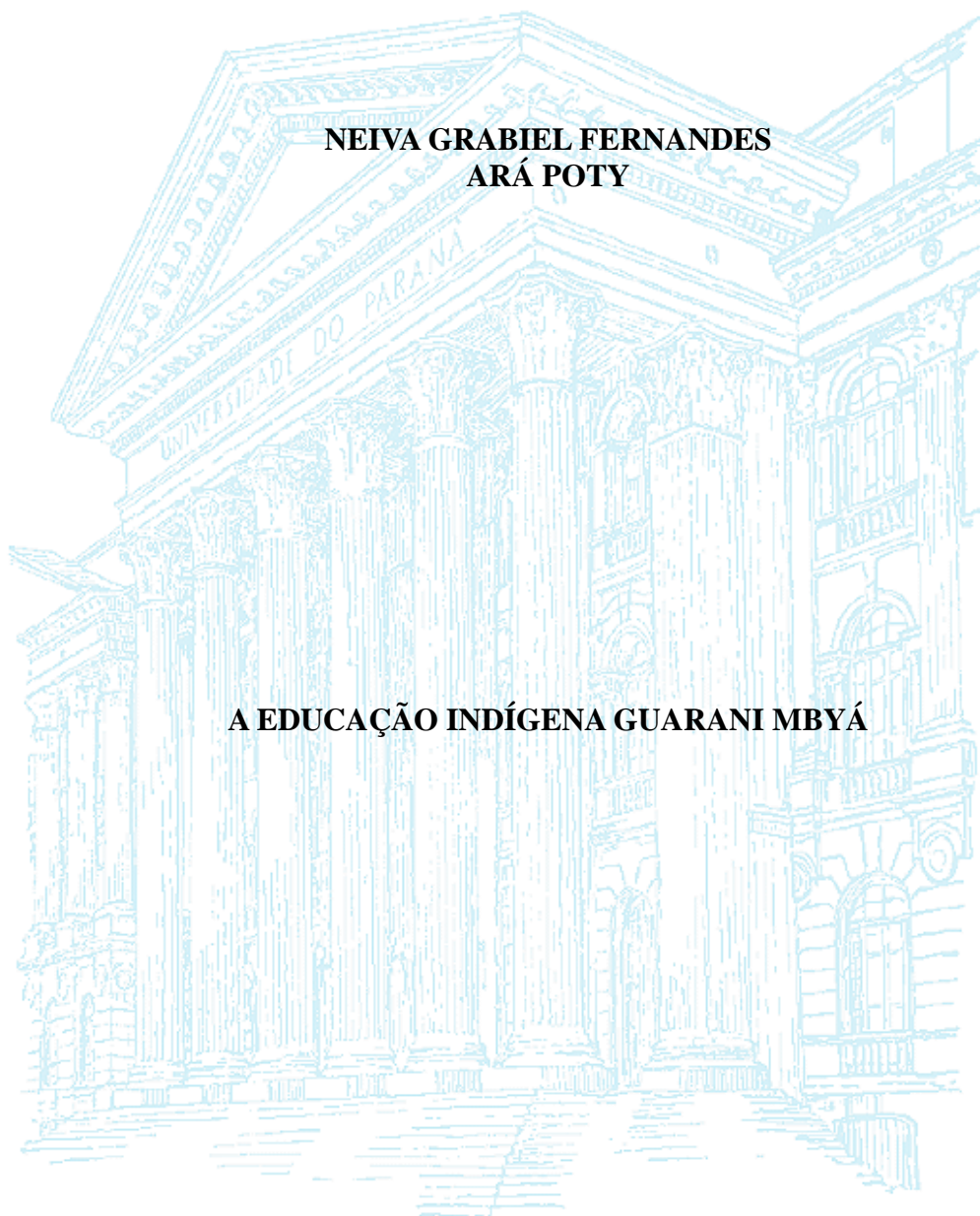


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – SETOR LITORAL
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO:
CIÊNCIAS DA NATUREZA

**NEIVA GRABIEL FERNANDES
ARÁ POTY**

A EDUCAÇÃO INDÍGENA GUARANI MBYÁ



MATINHOS
2022

**NEIVA GRABIEL FERNANDES
ARÁ POTY**

A EDUCAÇÃO INDÍGENA GUARANI MBYÁ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à conclusão do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, Ciências da Natureza, do Setor Litoral da Universidade Federal Do Paraná.

Orientadora: Prof. Ândrea Francine Batista

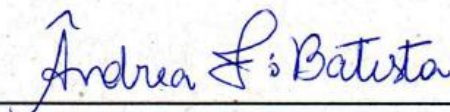
**MATINHOS
2022**

TERMO DE APROVAÇÃO

NEIVA GRABIEL FERNANDES

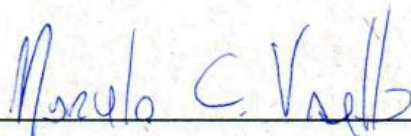
A EDUCAÇÃO INDÍGENA GUARANI MBYÁ

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Graduação em Licenciatura em Educação do Campo – Ciências da Natureza, no Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná (UFPR), como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo – Ciências da Natureza.



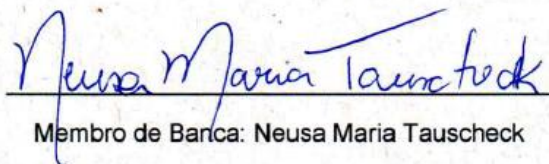
Orientadora: Prof. Dra. Ândrea Francine Batista

Licenciatura em Educação do Campo – Ciências da Natureza (UFPR-Setor Litoral)



Membro de Banca: Marcelo Cunha Varella

Licenciatura em Educação do Campo – Ciências da Natureza (UFPR-Setor Litoral)



Membro de Banca: Neusa Maria Tauscheck

Licenciatura em Geografia (UFPR-Setor Litoral)

MATINHOS, 23 de fevereiro de 2023

DEDICATORIA

Este trabalho é para todos os povos indígenas e para todos os professores que atuam nas suas comunidades. Para ter consciência de que não é só no espaço escolar que existe educação indígena, ela existe todos os dias e em todos os momentos partindo do nosso conhecimento, organização e sabedoria dos mais velhos que tem experiências relacionadas com o direito de ser e o direito de estar.

Para os professores não indígenas ou para as pessoas que trabalham no espaço escolar das comunidades que precisam respeitar e entender como lidar com as pessoas dessas comunidades.

AGRADECIMENTO

Primeiramente agradeço o *nhanderu kuaray* (deus sol) que nos ilumina todos os dias, todos nós e pela minha vida, e por me ajudar na superação dos obstáculos encontrados ao longo do curso. Agradeço também todas as pessoas que me ajudaram a me fortalecer neste caminho, me incentivaram nos momentos difíceis e compreenderam a minha ausência enquanto eu me dedicava à realização destes trabalhos. Agradeço também os professores, pelas correções e ensinamentos que me permitiram apresentar um melhor desempenho no meu processo de formação. Parabéns professores da lecampo pela minha formação, e aos demais estudantes que irão se formar nesta UFPR LITORAL.

Agyjevete!!!

RESUMO

Este trabalho é o resultado de uma investigação realizada durante o curso de Licenciatura em Educação do Campo - Ciências da Natureza, que teve como objetivo apresentar sobre a importância da Resistência Indígena a partir do viver, da convivência e da experiência da comunidade Tekoa Araçá. Este trabalho apresenta o que o povo Guarani Mbyá compreende por Educação Indígena e por Educação Escolar Indígena. Embora carreguem diferenças importantes, elas se complementam e se nutrem uma da outra no caminho da construção da resistência indígena. Este trabalho é a sistematização da compreensão coletiva de nosso povo, relatado especialmente a partir da experiência de sua autora, em diálogo com outros indígenas guaranis, com livros e artigos onde já foram escritos um pouco sobre nossa cultura e nossas lutas.

Palavras-chave: Guarani Mbyá; Educação Indígena; Educação Escolar Indígena

RESUMO (Língua Guarani Mbyá)

Kova'e mba'e mba'eapoa ma onhepyrũ ovy nhembo'e agui Curso de Licenciatura em Educação do Campo – Ciências da Natureza gui aeaxauka aguã mba'exaete'i pa mbya kuery jareko avi jaexauka aguã heta va'e kuery pe mba'exa pa nhande jareko avi nhemboe'a ko'ẽ nhavõ há'e jaiko arupi ha'egui nhanderekoa rupi há'evy aeaxauka Tekoa Araçá pygua kuery mba'exa pa guaimingueve'i kyryngue ikuai va'epe oexauka ombo'evygua mba'e mo'ĩ ojapova'e tembia po'i. Kova'e mba'eapoa ma oexauka ha'egui omombe'u mba'exa pa nhande mbya kuery jaikuaa oikuaa nhembo'ea mbya kuery ha'e javi rekopy jareko va'e nhanderekoa rupi nhembo'ea mbya kuery rekopy ha'egui nhembo'ea hetava'e kuery reko py nhemboe'a renda py kova'e a ema oexauka. Nhande mbya kuery nhandekuaia kova'e ipara va'e ma omombe'u a'eja vive nhandekuaia, nhandeayvu katu agui jajapoagui jaikoagui ijypy ovy amongue mongue'i ombopara nhandekuery reko regua va'e kue ojeapo ovy mba'exa pa nhande kuery nhandekuaia ha'e javi. Aexauka pavê pe jaikuaa aguã nhembo'ea jareko nhemboèaty py anho HE`yn.

Palavras chave: Nhandeva'e kuery ha'e javi nhembo'ea, há'egui nhembo'e heta va'e kuery rekopy, nhembo'ea rendápy.

RESUMEN

Este trabajo es el resultado de una investigación realizada en la Licenciatura em Educação do Campo - Ciências de la Naturaleza, que tuvo como objetivo informar la importancia de la Resistencia Indígena a partir del vivir, de la convivencia y de la experiencia de la comunidad Tekoa Araça'í. Este trabajo presenta lo que el pueblo Guaraní Mbyá entiende por Educación Indígena y por Educación Escolar Indígena. Aunque conllevan importantes diferencias, se complementan y se nutren en el camino de la construcción de la resistencia indígena. Este trabajo es la sistematización del entendimiento colectivo de nuestro pueblo, relatado especialmente desde la experiencia de su autora, en diálogo con otros indígenas Guaraní y con libros y artículos donde ya se ha escrito un poco sobre nuestra cultura y nuestras luchas.

Palabras-clave: Guaraní Mbyá; Educación Indígena; Educación Escolar Indígena

ABSTRACT

This work is the result of a research carried out in the Licenciatura em Educação do Campo - Ciências da Natureza, which aimed to report the importance of Indigenous Resistance based on the livelihood and coexistence of the experience of the Tekoa Araça'í community. This work presents what the Guaraní Mbyá people understand by Indigenous Education and by Indigenous School Education. Although they carry important differences, they complement and nourish each other in the path of building indigenous resistance. This work is the systematization of the collective understanding of our people, reported especially from the experience of its author, in dialogue with other Guaraní indigenous people and with books and articles where a little has already been written about our culture and our struggles.

Key Words: Guaraní Mbyá; Indigenous Education; Indigenous School Education

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Reunião da Assembleia da Associação Kuaray Haxa na Tekoa Araça'í	p.18
Figura 2 – Cerimônias no Território Indígena Recuperado em Piraquara	p.18
Figura 3 – Dança Representando todos os Povos Guaranis	p.19
Figura 4 – Pinturas no Corpo para participar de uma cerimônia	p.19
Figura 05 - Jovens Lideranças Guaraní Mbya da Comunidade Araça'í	p.20
Figura 06 - Símbolo da Comissão <i>Yvyrupa</i>	p.21
Figura 07 - Brincadeiras de crianças indígenas (fazendo uma casinha)	p.23
Figura 08 - Professor Gilmares Guilherme da Silva (Relato de Intercâmbio entre Comunidades Guaraní)	p.28
Figura 09 - Professores Guaranis do Paraná	p.30
Figura 10 – Construção de Pannel com Arte Africana	p.31
Figura 11 – Produção de Máscaras Africanas durante o Dia da Consciência Negra	p.31
Figura 12– Encontro de Mulheres Indígenas na Tekpa Ko'Ê Ju Por'Ã	p.32
Figura 13 – Professoras Indígenas no Encontro de Mulheres	p.32
Figura 14 – Professores Indígenas	p.33
Figura 15 – Indígenas e o Rio	p.35
Figura 16 - Interior da Casa de Reza: primeira escola para os <i>Mbyá kuery</i>	p.36
Figura 18 - Caminho para a Casa de Reza	p.37
Figura 19 - Aula de Ensino Religioso no Espaço da Casa de Reza	p.38
Figura 20 - Ensino Religioso na Casa de Reza	p.38
Figura 21 – Doação de Alimentos na Escola Mbyá Arandu	p.39
Figura 22 – Dia de Visitas na Tekoa <i>Kuaray Haxa</i>	p.40
Figura 23 – Oficina de Tambor	p.42

Figura 24 – Oficina de Cultura Guarani na Tekoa <i>Kyaray Haxa</i>	p.43
Figura 25 – Sementes de Rosário (<i>kapi`i`a</i>)	p.43
Figura 26 – Sementes de <i>Yvaum</i> ou Saco de Padre	p.44
Figura 27 - Dia da aula prática de culinária: processo de fazer	p.45
Figura 28 - Aula de Culinária Indígena na Escola	p.45
Figura 29 - Aula pratica de culinária indígena - comendo a alimentação produzida	p.46
Figura 30 - Aula de Grafismos	p.47
Figura 31 - Estudantes da LECAMPO	p.47

LISTA DE ABREVIATURAS

CNPJ	- Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica
EJA	- Educação de Jovens e Adultos
FUNAI	- Fundação Nacional dos Povos Indígenas
IBAMA	- Instituto Brasileiro de Meio Ambiente
LECAMPO	- Licenciatura em Educação do Campo
OIT	- Organização Internacional do Trabalho
ONG	- Organização não Governamental
TCC	- Trabalho de Conclusão de Curso
UFPR	- Universidade Federal do Paraná

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	p.11
INTRODUÇÃO	p.13
CAPÍTULO 01: A EDUCAÇÃO INDÍGENA	p.15
CAPÍTULO 02: EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA	p.24
2.1 Quando surgiu a Educação Escolar Indígena	p.26
2.2 A Educação Escolar Indígena na Tekoa Araçá'í	p.27
CAPÍTULO 03: A EDUCAÇÃO GUARANI MBYÁ A PARTIR DA EXPERIENCIA DA TEKOA ARAÇÁ'Í	p.35
3.1 Educação Religiosa	p.36
3.2 Educação Familiar	p.39
3.3. Educação Social	p.40
3.4 Valorização da Cultura	p.41
3.5 Educação Escolar Indígena	p.44
CONSIDERAÇÕES FINAIS	p.49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	p.50
ANEXOS	p.52

APRESENTAÇÃO

Meu nome é Neiva Gabriel Fernandes, nascida no dia 17 de janeiro de 1982, na Aldeia Palmeirinha, no município de Chopinzinho. Sou indígena Guarani Mbyá dominante da língua desde criança. Atualmente, moro na Aldeia Araça'í no município de Piraquara, e sou licenciada na Educação do Campo - Ciências da Natureza da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Setor Litoral. Tenho quatro filhos e quatro netos. Trabalho na Escola Indígena Mbya Arandu desde 2013 como professora de Arte e na disciplina de Língua Guarani.

Vivi e cresci com meus avós na Aldeia Palmeirinha. Vim de uma família que não conhecia Educação Escolar e que não tinha escolaridade. Meus avós eram agricultores que trabalhavam na roça. Cada ano plantavam e colhiam para o nosso consumo. Nasci no campo e vivi no campo. Vivendo no campo com a natureza, meus avós criavam porcos, galinhas, tudo para o nosso consumo diário. Meus avós ajudavam outras famílias. Meu avô era líder espiritual, cacique e conselheiro. A minha vó era parteira e conselheira da comunidade, após o falecimento do avô.

Quando viemos para o município de Piraquara, chegamos três dias depois que o senhor Marcolino. Ele e sua família ocupavam o território onde hoje é conhecido como Aldeia Indígena Araca'í (antiga Karuguá), que havia sido fundada em 1999, mas já era uma terra ocupada pelos nossos ancestrais.

Vim para esse espaço, e em 2001 voltei para minha terra natal. Lá nasceu o meu segundo filho. Depois de quinze dias de nascimento do meu filho voltei para Piraquara e em 2004 comecei a estudar na Educação de Jovens e Adultos (EJA). O meu professor foi o Eriton, que hoje atua como diretor da Escola Mbyá Arandú. Em 2005 engravidei do terceiro filho, e mesmo assim continuei estudando até o meu filho nascer. A partir do dia do seu nascimento, fiquei oito dias em repouso, e não conseguia participar das aulas. O professor já tinha informação da própria comunidade de que nós, Guarani Mbya, temos as nossas regras que as mulheres não podem sair de dentro de casa após o parto antes de oito dias. Então, por gentileza e compreensão de nossa cultura, o professor reorganizou meu tempo de estudo, e assim consegui concluir meus estudos na EJA no ano de 2009.

Em 2014 comecei trabalhar como professora na Escola Mbyá Arandú. Fui escolhida pela Comunidade e pela cacica Florinda Jerá Rete, pelo motivo de que fiquei sozinha com três filhos.

Em 2017 fiz inscrição par ao Curso de Educação do Campo (Lecampo) na UFPR e consegui a vaga. Passei na prova e me tornei estudante de um curso organizado em alternância e itinerância, que me permitiu continuar atuando como educadora do campo na Escola Indígena. Com orgulho apresento o meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) como resultado de uma pesquisa que fiz a partir do imenso interesse de conhecer e compreender as diferenças entre a Educação Escolar Indígena e Educação Indígena. Esta pesquisa foi desenvolvida desde o primeiro momento do curso, a partir do módulo Projeto de Aprendizagem.

Com esta investigação que fui desenvolvendo, percebi que a Educação Indígena parte da vivência no dia-a-dia da comunidade, está presente nas tekoas onde vivem os povos Indígenas, envolvendo nossa cultura e modo de vida.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é resultado da sistematização da compreensão do povo Guarani Mbyá sobre educação e educação escolar. Um tema que carregamos como tema de pesquisa e de vivência desde o momento da construção do Projeto de Aprendizagem, um dos módulos de estudo no Curso de Licenciatura em Educação do Campo (LECAMPO) da Universidade Federal do Paraná (UFPR) – Setor Litoral.

O Curso de Educação do Campo – LECAMPO tem sido um importante espaço de acolhimento à formação de educadores indígenas, e da própria articulação com o que entendemos ser a educação indígena. Um espaço que pode ajudar a fortalecer nossos territórios e nossa cultura em diálogo com outros territórios e culturas, como por exemplo, com os povos quilombolas, os povos caiçaras, e com os movimentos sociais populares do campo.

O objetivo geral que orientou este trabalho foi compreender como o povo Guarani Mbyá faz sua experiência de educação indígena. Para essa discussão partimos da experiência vivida na Tekoá Araçá'í, localizada no município de Piraquara, Paraná.

Como metodologia nos baseamos no relato de nossa experiência enquanto mulher indígena pertencente ao povo Guarani Mbyá que resiste há tempos, e para isso, precisando mudar-se várias vezes para conseguir se estabelecer numa terra e fazer dela uma Tekoa. Também partimos da memória coletiva da Tekoa Araçá'í em sua trajetória de luta. Outro ponto de nossa metodologia, foi a de realizar pesquisa em livros sobre o tema da educação escolar indígena e seu papel no fortalecimento dos povos originários.

Ainda, utilizamos a fotografia que em vários momentos nos guiou a buscar construir essa memória, mas também na representação da imagem do que gostaríamos de destacar de nossa experiência nos últimos anos.

Este trabalho está organizado em três capítulos. O primeiro deles, vamos apresentar como o povo Guarani Mbyá entende sobre a Educação Indígena. Nele, é possível perceber que educação indígena ocorre para além do espaço da escola, ela está no dia-a-dia como práticas educativas que envolvem a cultura, a organização, o trabalho coletivo e a preservação da natureza.

No segundo capítulo apresentamos o que é a educação escolar indígena, suas características, seu jeito de ser. Mostramos os avanços que tivemos até o momento, em particular da experiência da Escola Indígena Mbyá Arandu de ensino fundamental localizada na Tekoa Araçáí.

O terceiro capítulo trata da Educação Guarani Mbyá a partir da experiência da Tekoa Araçáí. Um processo que envolve a educação escolar indígena, mas que está para além dela.

Com este trabalho pretendemos contribuir para a continuidade dos esforços na efetivação de uma Educação Escolar Indígena que leve em consideração a compreensão mais ampla de educação que o povo Guarani Mbyá tem no processo de formação de suas crianças e de sua juventude.

Uma educação que é feita por muitas mãos, que é feita por uma relação saudável com a natureza, que é feita pela história de resistência indígena, e que busca acima de tudo fazer existir o povo Guaranis Mbyás.

Desejamos também que com este trabalho seja possível abrir outros canais de diálogo com a Educação do Campo, que está sempre se refazendo a partir da realidade dos povos do e no campo, e com a Universidade Federal do Paraná no sentido de fortalecer o acolhimento aos povos indígenas na educação superior e na sua compreensão de nossa cultura e nossa diversidade.

CAPÍTULO 01

A EDUCAÇÃO INDÍGENA

Existem vários indígenas que estão localizados em todo o território brasileiro. Entre eles, podemos citar os povos: *Yanomamis* e os *Ticunas* que estão localizados na região amazônica, os *Pataxós* localizados entre o sul do estado da Bahia e norte de Minas Gerais; os *Terenas* que estão localizados na região do estado do Mato Grosso do Sul; o povo *Xavante* localizados hoje na região do estado do Mato Grosso; o povo *Kaingangs* localizados na região sul e sudeste do Brasil; e o povo *Guarani* que está localizado na América do Sul em países como Argentina, Bolívia, Paraguai e no Brasil.

No Brasil, os povos *Guarani* estão em territórios nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Mato Grosso do Sul e Pará. O grande povo *Guarani*, denomina o lugar em que ocupam de Tekoa. Tekoa é o espaço físico que envolve a terra, a água, os animais, as plantas e toda a natureza, mas também é o “modo de ser e de fazer” a vida. Assim, a Tekoa carrega as relações entre as pessoas para construir sua vida junto à natureza. Tekoa é o lugar onde ocupam os povos indígenas que tem suas culturas, suas crenças e lutam espiritualmente e fisicamente pelos territórios que já foram ocupados pelos nossos ancestrais.

Os povos *Guaranis* que vivem no Brasil hoje são: o povo *Guarani Kaiowá*, ou *Pãitavyterã*; o povo *Guarani Ñandeva*, ou *Avá Guarani*, e o povo *Guarani Mbyá*.

O povo *Guarani Kaiowá* vive hoje estão em Tekoas no Mato Grosso do Sul e também no Paraguai. O povo *Guarani Ñandeva* vive hoje em Tekoas no Mato Grosso do Sul, Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo, Argentina e Paraguai.

O povo *Guarani Mbyá* existe e resiste na Argentina, Paraguai, e em Tekoas em vários estados do Brasil, como Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santos, Pará e Tocantins. Em toda a sua trajetória fizeram e fazem a luta pela demarcação das terras, pela saúde e educação. Como exemplo, citamos a Tekoa Araçaí, localizada no município de Piraquara no Paraná, na região metropolitana de Curitiba.

O povo *Guarani Mbyá* é um povo que é nascido para viver nas matas, com a natureza. *Mbyá* significa o povo verdadeiro que tem relação direta com deuses e com a natureza. O

povo Guarani Mbyá é um povo verdadeiro criado por *Nhanderu* (Deus) para viver com as matas e cuidar da natureza.

Para nosso povo Tekoa significa território, significa terra e cultura, significa a construção do viver indígena. Para os Guaranis Mbyás a Tekoa é um espaço educativo.

Como diz o Ananias Verissimo, através de uma entrevista que realizamos em agosto de 2022, a educação indígena vem do berço que as próprias comunidades têm.

É um direito perceber que a educação indígena vem primeiramente das nossas famílias, da nossa comunidade. Até que as crianças completem os sete anos os pais ensinam com suas práticas do cotidiano e a partir da sua língua. Aos sete anos de idade as crianças vão para uma escola para serem alfabetizadas.

Primeiramente é importante reafirmar que as crianças indígenas têm o direito de serem alfabetizadas na língua própria. E por isso a importância de ter uma Escola Indígena dentro da Tekoa. Nessa escola pode-se alfabetizar na indígena e na língua portuguesa, e ainda, do primeiro ao quinto ano do Ensino Fundamental, além de aprender a ler e escrever, as crianças podem continuar com práticas educativas direcionadas ao contexto da realidade das comunidades.

Destas práticas educativas, podemos citar como exemplo: as lutas, as crenças, os conflitos, os trabalhos coletivos, a organização, a culinária, a produção do artesanato, a preservação do meio ambiente, o uso das plantas medicinais, os cantos e danças, a religião, a própria história e trajetória dos povos indígenas.

A comunicação entre os povos indígenas é bem importante para troca de saberes entre parentes que somos, e também para fortalecer a resistência de nossas comunidades diante de tantos ataques que diariamente vivenciamos. Podemos citar como exemplo destes ataques o descaso com o povo *Yanomami* que tem resistido a entrada do garimpo ilegal em seus territórios, e que recentemente tem sido mostrado nos jornais a situação em que se encontram¹. Ou ainda, podemos citar o ataque à comunidade indígena Ponta do Arado em 2019, que fica no Rio Grande do Sul às margens do Rio Guaíba, onde o cacique Timóteo Karai Mirim relata que dois homens armados e encapuzados chegaram atirando muito e ameaçando que se não saíssem, iriam matar todo mundo².

¹ Reportagem de: PAJOLLA, Murilo. Há provas de que Bolsonaro cometeu genocídio contra os Yanomami, diz organização indígena. In: **Brasil de Fato**. Online: Brasil de Fato, 23.01.2023. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/01/23/ha-provas-de-que-bolsonaro-cometeu-genocidio-contr-os-yanomami-diz-organizacao-indigena> Acesso em Janeiro de 2023.

² Reportagem de: MIOTTO, Tiago. Comunidade GuaraniMbyá da Ponta do Arado é atacada a tiros em Porto Alegre. In: **Conselho Indigenista Missionário (CIMI)**. Online: CIMI, 11.01.2019. Disponível em:

Fortalecer a resistência e trocar saberes entre nossos povos é parte também da educação indígena, e para isso a comunicação é bem importante. Hoje em dia os povos indígenas se comunicam através de celulares, e de aplicativos como *facebook* e *whats app* para organizar reuniões para tratar de questões ligadas a políticas sociais, à economia, e seus impactos junto aos territórios indígenas.

A luta pelos direitos dos povos indígenas, e nossa organização comunitária também educam.

A Educação Indígena no seu sentido mais amplo ocorre a partir da vivência coletiva de seus povos; de como fazem sua própria história; de como se organizam e realizam suas lutas; de como produzem seus conhecimentos coletivos; e também de como constroem a relação com o todo da natureza.

A vida *Guarani Mbyá* e seus valores estão presentes em todas essas ações, e são educativas. Os conhecimentos das famílias, os conhecimentos comunitários, os conhecimentos ancestrais, os conhecimentos da natureza, vivem e convivem na Tekoa e respiram a sabedoria dos anciões para poder resistir em sua cultura.

A Tekoa educa. As lideranças indígenas educam. O *xamoi* (ancião que tem muita sabedoria) educa, a *xaryi* (anciã que faz os remédios naturais) educa. O *Karai* (liderança espiritual) educa. Os *xejaryi* (avós) educam. A *opy* (casa de reza) educa. O *Mborahei* (canto-reza) educa. A *nhembiapo Va´e* (artesã) educa. *Nhanderu* (Deus maior) educa. O *Ipakora* (círculo de reuniões e conversas onde se contam histórias) educa. O *Ipararyxy* (caminho que os guaranis fazem quando chegam em uma Tekoa) educa. O *Arapyau* (tempo novo) e o *Arayma* (tempo velho) educam. O *jaexarau´a* (sonho) para quem tem consciência de valorizar, também educa. O *nhemongaraí* (batismo do milho) é *popyguá* (sabedoria).

A seguir, apresentamos algumas fotos representando vários tipos de atividades realizadas e que fazem parte da educação *Guarani Mbya*.

Na primeira imagem, podemos observar a reunião da Assembleia da Associação *Kuaray Haxa* realizada na Tekoa Araça´í em 2022, onde estão presentes três etnias (povos indígenas). Estão presentes também os dois dos autores do livro *Nhandereko Jaikua Aveaguã* (escrita em *Guarani Mbya*), Ananias Veríssimo e Rivelino Gabriel - um livro sobre alfabetização em língua indígena guarani a partir da realidade do território. Essa associação é composta pela articulação de algumas Terras Indígenas no estado do Paraná, como por exemplo, a Tekoa Rio

das Cobras (Laranjeiras do Sul), a Tekoa Kuaray Guataporã (Guaraqueçaba), Tekoa Takuaty (Ilha da Cotonga), e, Tekoa Araça'í (Piraquara),

FIGURA 01 – Reunião da Assembleia da Associação Kuaray Haxa na Tekoa Araça'í



Fonte: Foto de Neiva Gabriel, 2022

As fotos abaixo mostram a cultura guarani fazendo cerimônia para fortalecer e manter seus conhecimentos tradicionais. Foi realizada no Território da Floresta Estadual Metropolitana, município de Piraquara, que foi retomada pelos Guaranis Nhandewa em 9 de agosto de 2021. Estas fotos foram tiradas no dia da comemoração de um ano da ocupação do território.

FIGURA 02 - Cerimônias no Território Indígena Recuperado em Piraquara



Fonte: Foto de Neiva Gabriel, 2022

FIGURA 03 - Dança Representando todos os Povos Guaranis



Fonte: Foto de Neiva Gabriel, 2022

A foto a seguir foi tirada neste mesmo Encontro de comemoração de um ano da ocupação do território Floresta Estadual Metropolitana no município de Piraquara, realizado em 09 agosto de 2022. Essa pintura é feita pelo Márcio Kretã do povo Kaingang num indígena de outro povo.

FIGURA 04 - Pinturas no Corpo para participar de uma cerimônia



Fonte: Foto de Neiva Gabriel, 2022

Destacamos abaixo uma foto das jovens lideranças Guarani Mbyá da Aldeia Araça'í. Foram no Encontro de Jovens na Tekoa Guasu Guavira (município de Guaíba) que ocorreu em meio à Assembleia do Povo Avá Guarani entre os dias 07 e 12 de agosto de 2022, onde reuniu cerca de 300 lideranças indígenas. Foram participar de uma reunião da Comissão *Ywy Rupa*, que foi criada pelos povos indígenas, e tem por objetivo a articulação dos vários povos indígenas do Brasil.

FIGURA 05 - Jovens Lideranças Guarani Mbya da Comunidade Araça'í.



Fonte: Foto de Neiva Gabriel, 2022

Essas fotos que apresentamos acima mostra que a educação indígena ocorre em vários momentos, como: reuniões, cerimônias, danças, pinturas no corpo, e também na luta de resistência dos povos indígenas.

Para fortalecer a resistência indígena existe a Comissão Guarani Yvyrupa (CGY). Esta comissão nasceu em 1980, antes mesmo da Constituição Federal de 1988, inicialmente com o nome de Comissão de Terras Guarani Yvyrupa. Ela nasce para fortalecer a luta pela demarcação de terra, e reafirmar para os não indígenas que “Esse território é nosso”. Os anciões e anciãs guaranis entenderam que era necessário iniciar uma organização como povo guarani para trabalhar em documentos que pudessem fortalecer a luta indígena. (COMISSÃO YVYRUPA, 2022)

O símbolo da Comissão foi criado em uma de suas assembleias e carrega vários símbolos indígenas. Carrega uma *pindo*, uma palmeira que representa a força e a firmeza dos anciãos, e um *ajaka* (cesto) com o grafismo de uma jararaca traz presente a simbologia de que se ela está em risco, estará pronta para a defesa. Essa simbologia também é usada nas pulseiras para nossa proteção. Carrega também o *petyngua* que simboliza a arte de falar, se expressar e se defender. O *yvyrupa* se refere à extensão de ocupação territorial do povo Guarani, uma extensão “que não tem limites”. Yvyrupa “é o nosso planeta”, é o “ambiente que *Nhanderu* (Deus) nos deixou” antes mesmo da colonização. (COMISSÃO YVYRUPA, 2022)

FIGURA 06 - Símbolo da Comissão Yvyrupa



Fonte: Comissão Yvyrupa

Como Comissão *Yvyrupa*, ela nasce em 2006 numa parceria com o Centro de Trabalho Indigenista (CTI). Somente em 2014 ela é registrada com Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ). Ela vem para fortalecer as lutas indígenas pela demarcação de terra, e fortalecendo também o modo de existência Guarani. Nosso foco é o “direito territorial”. (COMISSÃO YVYRUPA, 2022)

A Comissão *Yvyrupa* organiza também ações para o “bem viver nas tekoas” combatendo situações de violências e abusos. Essas ações são organizadas em algumas frentes que são: Encontro de Mulheres; Encontro de Jovens e Anciãos; e Apoio para fortalecer as Casas de Reza e os roçados. Como a estrutura da Associação é não indígena, torna-se um desafio fazê-la funcionar. Nesse sentido a forma de organização discutida é a partir da existência de articuladores da Comissão nas diferentes regiões, se dividindo em Coordenações regionais e

estaduais, além dos representantes legais junto à associação que são chamados de *tenondere ikuai va'ekuery* (coordenadores). Esses coordenadores não recebem apoio financeiro pela sua tarefa. As comunidades guaranis são as bases da Comissão Yvyrupa, e de três em três anos, faz uma assembleia geral para discutir os caminhos a seguir. Nosso grito é “*Aguyjevete* para quem luta!”. (COMISSÃO YVYRUPA, 2022)

A resistência indígena existe desde o momento da colonização do Brasil. Nos últimos anos uma das principais lutas dos vários povos indígenas tem sido contra o “marco temporal” no processo de demarcação de terras. O marco temporal, também chamado de tese de Copacabana, é uma tese jurídica que nasce no julgamento da demarcação da Terra Indígena Raposa Serra do Sol, localizada no estado de Roraima, que ocorreu em 2009. Neste julgamento, o Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu que o uso da terra ocupada pelos indígenas deveria ser garantido apenas as que estivessem em posse na data da publicação da Constituição de 1988. Durante o governo de Michel Temer (agosto de 2016 a janeiro de 2019), a situação da demarcação da Terra Indígena Raposa Serra do Sol se estendeu para todos os processos de demarcação.

Para os indígenas, o marco temporal nega que nós existíamos neste território antes do processo de colonização. Nega a nossa cultura, o nosso canto, a nossa ciência, e coloca os colonizadores como donos da terra e nós indígenas como invasores destas terras.

Um trecho da carta abaixo foi construída pelo povo Guarani Mbyá da comunidade indígena Morro dos Cavalos, localizada no município de Palhoça em Santa Catarina, que foi enviada ao governo, mostra que a demarcação da terra é a base para a garantia da existência de nossa cultura.

Tudo era livre e hoje está tudo sendo proibido para nós. Para fazer roça, como antigamente, nós já não podemos. Mas pelo menos esse pedaço de terra que estamos querendo demarcar tem que ser reconhecido, porque se tirarem de nós até esse pedacinho, não teremos mais nada. (...). Queremos a garanti da terra para viver nossa cultura com liberdade, cultivar nossa terra, ensinar nossos filhos e nossos netos. Porque hoje em dia, com a falta de uma terra verdadeira para nós, não podemos viver nossa vida e nossa cultural (*nhandereko*) completamente. (Carta da Comunidade Morro dos Cavalos, SC. Relatório de Identificação 2002 In: INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL, ISA, 2016, n.p.)

Nessa comunidade moram cerca de 600 indígenas Guarani Mbya, que aguarda a assinatura do presidente desde 2008 para homologação da Terra Indígena. Esta comunidade tem uma escola indígena que vai do Ensino Fundamental até o Ensino Médio.

Para que a educação indígena se fortaleça é necessário a demarcação da terra. Nossa Tekoa Araça'í era chamada antigamente de Tekoa *Karugá*. Ela foi formada por famílias que vieram da região do município de chopinzinho e que se estabeleceram no município de Piraquara, onde ela está localizada.

A história de nosso povo na luta pela demarcação da Terra Indígena Araça'í, é parte da educação indígena. Nela, é possível perceber que a educação indígena ocorre para além do espaço da escola, ela está no dia-a-dia como práticas educativas que envolvem a cultura, a organização, o trabalho coletivo, a preservação da natureza e inclusive a brincadeira das crianças, como mostra a foto abaixo.

FIGURA 07 - Brincadeiras de crianças indígenas (fazendo uma casinha)



Fonte: Foto de Neiva Gabriel, 2022

Tekoa é resistência. Tekoa é cultura. Tekoa é educação indígena. Onde vivem as crianças, jovens, adultos e os anciãos enfrentando a dor, a tristeza e alegria.

CAPÍTULO 02

EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA

Neste capítulo vamos apresentar o que é a educação escolar indígena, e os avanços que tivemos até o momento na experiência da Escola Indígena Mbyá Arandu, uma escola de ensino fundamental localizada na Tekoa Araça'í.

Como afirmamos no capítulo anterior, a educação indígena está presente no dia-a-dia da comunidade, mas existe também a educação escolar indígena, que é parte da educação indígena.

A educação escolar indígena é uma instituição pública que garante aos povos indígenas o direito de ter uma educação específica e diferenciada. A Constituição Federal de 1988 indica que todos os povos tem direito à sua organização social dentro de suas aldeias. No capítulo 8, ARTIGO 231 “são reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens” (BRASIL, 1988, n.p.)

Isso, a escola indígena. A partir desta constituição, a escola específica para os povos indígenas deve cumprir a função de ser uma escola promotora da língua originária, das suas culturas, tradições e de seus direitos, em permanente diálogo com outras culturas.

Antes deste momento, o entendimento mais comum sobre a educação para os povos indígenas, era de que deveria ser uma escola para os povos originários, e não uma escola construída conjuntamente com nosso povo.

Em nível internacional, em junho de 1989, a Organização Internacional do Trabalho (OIT), definiu em sua conferência geral uma nova Convenção Sobre os Povos Indígenas e Tribais, redefinindo as primeiras recomendações escritas em 1957. Ela se chamou “Convenção no. 169 da OIT”, e indicava que os governos deveriam assumir a responsabilidade de desenvolver junto com os povos indígenas, ações para proteção dos direitos destes povos. No artigo 05 desta convenção, indica que deverão ser reconhecidos e protegidos “os valores, práticas sociais, culturais religiosas e espirituais” próprias de cada povo. (OIT, 1989, n.p.)

Isto é parte dos direitos fundamentais dos povos indígenas, o que também exige a demarcação de suas terras, e a construção de instituições escolares que respeitem e não violem

suas culturas. Na parte 05 e 06 desta convenção são apresentadas orientações em relação a segurança social, saúde, educação e meios de comunicação, onde os governos deverão prestar serviços planejando de forma conjunta com os povos indígenas. Com relação à educação, os artigos 27, 28 e 29 afirmam que é necessário abranger a história, seus conhecimentos sua cultura e valores, indicando também que é necessário o governo criar instituições escolares junto com esses povos, preservando sua língua materna.

A constituição de 1988 marcou dois direitos básicos aos indígenas – o direito de “ser” e o direito de “estar”. A OIT 169 marca também o direito à autonomia e à consulta, o que possibilita que os povos indígenas escolham quem vai atuar na escola indígena através da carta de anuência, juridicamente respaldado por essas duas leis. (SOUZA FILHO; SILVA; LIMA; et all, 2019)

Mesmo que a OIT tenha sido promulgada internacionalmente na década de 1980, é somente em 2002, no Governo Lula que o Brasil a reconhece (ratifica), e no ano de 2004 ela é regulamentada a partir do Decreto 5051, e consolidada no ano de 2019, através do Decreto 10.088. (SOUZA FILHO; SILVA; LIMA; et all, 2019)

Assim, os povos indígenas, quilombolas e outras comunidades tradicionais tem o direito ao seu auto reconhecimento e auto identificação. Tem o direito a serem consultados por qualquer ação que seja proposta nos seus territórios de origem. O Estado ou qualquer outra entidade pública ou privada tem a obrigação de consultar os povos indígenas.

No Brasil, a partir da Constituição de 1988, outras leis que foram construídas deram base para o fortalecimento da educação escolar indígena. Por exemplo, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de dezembro 1996. Nesta lei, no artigo 79, indica que o governo deverá apoiar a educação intercultural junto às comunidades indígenas, “fortalecendo práticas socioculturais e a língua materna de cada comunidade indígena” e também manter programas de formação direcionado à “educação escolar nas comunidades indígenas”. Também deve desenvolver currículos específicos incluindo os conteúdos da cultura das comunidades e elaborar “material didático específico e diferenciado”. (BRASIL, 1996, n.p.)

Assim, a educação escolar indígena no Brasil é uma instituição que deve garantir o direito aos povos indígenas uma educação diferenciada que garanta a presença da língua de cada povo, assim como sua história, cultura, valores, e modo de vida.

2.1 Quando surgiu a Educação Escolar Indígena?

Para Bergamaschi e Medeiros (2010), a educação escolar indígena começa na década de 1970 com um movimento de organização dos povos originários apoiado por setores da igreja, por universidades e por Organizações Não Governamentais (ONGS). Junto com os movimentos indígenas em nível internacional, os povos no Brasil levam suas reivindicações pelo direito à educação específica, à saúde e à terra.

A lei que fundamenta a Educação Escolar Indígena a partir da Constituição Federal de 1988, é a Lei no. 10.172, publicada em 09 de janeiro de 2001. Esta lei regulamenta o Plano Nacional de Educação, e tem um capítulo especial para a educação escolar indígena, o capítulo 09. Neste capítulo a importância de ser uma educação “diferenciada, intercultural e bilingue” (BRASIL, 2001). Indica que a responsabilidade da educação indígena foi transferida da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) para o Ministério da Educação e suas secretarias estaduais e municipais.

O documento também orienta que a proposta de uma escola indígena, deve ser bilingue e fortalecer a cultura dos diferentes grupos, e que ela deve ser melhor atendida com professores indígenas, para os quais deve ser realizada a formação inicial e continuada para que possam ser professores de suas próprias comunidades. Essa formação deve capacitar professores para a elaboração de currículos próprios e construir metodologias específicas para o ensino para os povos indígenas.

De acordo com as orientações do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), de 1998, na educação infantil, o professor ideal para a escola indígena é o professor indígena. Somente ele é capaz de garantir que a escola indígena seja comunitária: porque conduzida pela comunidade indígena, de acordo com seus projetos, suas concepções e seus princípios. A Educação Escolar Indígena foi aprovada pela Assembleia Nacional Constituinte com a Constituição Federal promulgada no dia 5 de outubro de 1988, durante o governo do Presidente José Sarney. Conhecida com constituição cidadã, a Constituição da República Federativa do Brasil restabeleceu a democracia após 21 anos de ditadura militar no Brasil. (BRASIL, 1998).

A escrita da língua guarani vem sendo introduzida nas escolas indígenas nas aldeias Mbya com maior ênfase a partir de 1997. (INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL - ISA, 2016). A alfabetização na língua Guarani Mbya é a característica mais forte de uma educação

diferenciada. A língua de um povo é a principal raiz de sua cultura, e a partir dela é que se crescem os frutos e geram novas sementes, novas gerações.

É por isso que a educação escolar indígena nas tekoas são tão importantes. A existência de nosso povo necessita do fortalecimento de nossas culturas. Para isso, formar professores indígenas que trabalhem nas escolas indígenas a partir de seus conhecimentos e em diálogo com outras culturas é um passo necessário para o avanço de nossas lutas.

Outro passo importante para fortalecer a proposta da educação escolar indígena nas várias tekoas é a organização de intercâmbios entre comunidades guaranis no estado do Paraná. Nesses encontros, também se discute a educação escolar indígena. Esses encontros tem contribuído muito para o diálogo entre os povos indígenas e também para construir caminhos e metodologias a partir de nossa cultura.

2.2. A Educação Escolar Indígena na Tekoa Araçáí

A Tekoa Araçáí está localizada no município de Piraquara. Tem aproximadamente 30 famílias e 80 pessoas. Algumas pessoas trabalham na escola, no posto de saúde e no saneamento básico.

A aldeia indígena foi fundada em 1999 com apoio do indigenista ex- Secretário de Meio Ambiente de Piraquara, Jorge Roberto Carvalho Grando. Na época vieram três famílias: o Hortêncio Hercio, o senhor Marcolino e as demais pessoas. Vieram de Palmeirinha, Município de Chopinzinho. Atualmente, vivem na Tekoa Araçáí integrantes dos povos Guarani Mbya, Guarani Nhandewa, Awá Guarani.

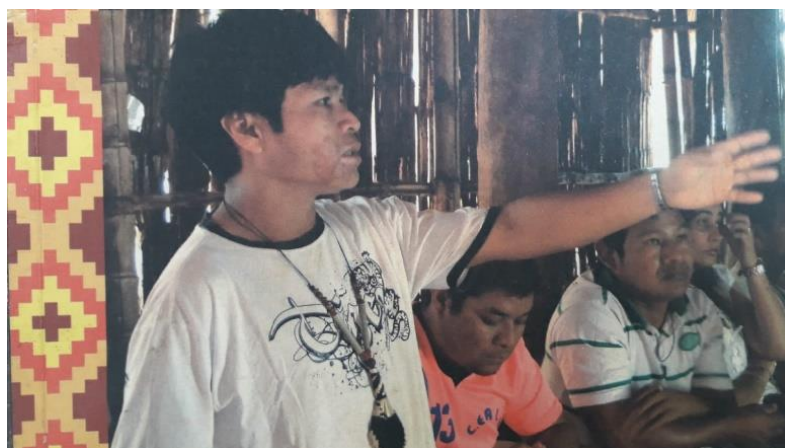
No começo da ocupação do território foi muito difícil por ser área de preservação ambiental. Com o passar do tempo o chefe do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente (IBAMA) pediu que as pessoas saíssem do território para não poluir a represa que abastece a região de Curitiba. Foi ali que começa a força e coragem de nossa guerreira Florinda *Jera Rete*. Ela se tornou a primeira cacica da Terra Indígena de Araçá-i. Lutava, junto com outras lideranças, pela educação, saúde e pelos direitos dos povos indígenas. Ela conhecia os direitos e deveres dos cidadãos, e mesmo assim ela sempre resolvia problemas internos dentro da aldeia conforme a organização da comunidade.

A *Jera Rete* era uma mulher solteira que teve três filhos. Nunca chegou a procurar a justiça para cobrar a pensão das crianças dos pais. Por ser uma pessoa de bom coração, só

ajudava os que precisavam tanto na saúde, quanto na educação, quanto na justiça. Ela era professora também.

Antes da chegada da escola, as crianças eram ensinadas na Casa de Reza por Gilmares Guilherme de Silva, *Nhe'engatu Mirim*. Ele foi o primeiro professor da Aldeia Araça'í. Ele quem começou a alfabetizar as crianças na Casa de Reza antes da chegada da Escola. A primeira escola foi a Casa de Reza para os Guarani Mbya, e a primeira língua que as crianças aprendem desde o primeiro dia que consegue pronunciar é a língua. Por exemplo, *tata eju moÍ* quando chama o avô.

FIGURA 08 - Professor Gilmares Guilherme da Silva (Relato de Intercâmbio entre Comunidades Guarani)



Fonte: Foto de capa do livro: PARANÁ-SEED (2011)

Nesta foto está presente Gilmares Guilherme da Silva que na época era o único professor que atuava na escola *Mbyá Arandu*³. Foi ele quem abriu o caminho da educação para os demais professores da aldeia Araça'í. Antes mesmo da chegada da escola na aldeia, ele ensinava e alfabetizava as crianças dentro da Casa de Reza, porque ele já tinha conhecimento da escolaridade indígena desde onde ele morava. Ele tinha a preocupação de que as crianças não poderiam viver sem alfabetização. Elas precisam aprender a escrever a nossa própria língua. As crianças *Mbyá* precisam ser alfabetizadas na primeira língua que é a língua Guarani Mbyá e em segundo entra a língua portuguesa.

Os nossos professores são os mais velhos da aldeia. Alguns são pessoas religiosas que fazem cura e fazem remédios medicinais quando preciso. Através dos mais velhos, que os professores guaranis aprendem e repassam esses conhecimentos para as crianças na escola. A

³ *Mbyá Arandu*: Significa Sabedoria Mbyá.

escola é um centro de fortalecimento e valorização da cultura. A escola sempre está ligada à comunidade e a comunidade está sempre ligada à escola e à casa de reza.

Antes da chegada da escola, Gilmares alfabetizava as crianças na Casa de Reza. Ele tinha a preocupação de que as crianças não podiam ficar sem alfabetização e ele começava alfabetizar na língua própria ensinando os números, os nomes próprios, os nomes de animais, os nomes de famílias. A mãe do Gilmares ajudava na alimentação para as crianças através de doações.

Um dia chegou na aldeia uma visita do Colégio Bom Jesus (Piraquara) que tinha um projeto com a Terra Sem Males, vinculado à igreja. Nesta visita, um professor se comprometeu de construir um espaço cultural para a comunidade de Araça-í, antiga *karugúá*.

Dentro da aldeia temos a escola construída em 2019, que era fruto de um projeto de ação beneficente.

No ano de 2004 passou a ser reconhecida pelo governo do estado e nesta ocasião os professores junto com a comunidade e nosso então cacique Marcolino, escolheram colocar o nome da escola como *Mbya Arandu* Escola Indígena de Ensino Fundamental.

Atualmente a Escola *Mbyá Arandu* atua na primeira fase do Ensino Fundamental (1º. ao 5º. ano) na parte da tarde, e na segunda fase (6º. ao 9º. Ano) no período da manhã. Possui 4 professores indígenas da própria Tekoa, todos eles com Ensino Médio Completo e cursando graduação, e 05 professores não indígenas, ou chamados de *Juruás*.

Nas várias escolas indígenas que existem no estado do Paraná, existem professores indígenas que atuam na educação escolar. Abaixo, apresentamos algumas fotos destes professores Guaranis.

FIGURA 09 - Professores Guaranis do Paraná



Fonte: PARANÁ, 2010.

Atualmente, a Escola *Mbyá Arandu* está passando por uma reformulação de seu Projeto Político Pedagógico, com a participação de toda a comunidade. Várias reuniões foram construídas para discutir e sistematizar a escola indígena que queremos como comunidade Guaraní Mbyá. É um direito e uma obrigação as comunidades indígenas serem consultadas também para a construção de seu projeto de escola.

Por ser uma escola indígena, ela deve ser um lugar de resgate de nossas práticas culturais, de nosso modo de vida, de nossa língua, e fortalecer a resistência de nosso povo. Neste sentido, os princípios pedagógicos que envolvem a educação escolar indígena devem levar em conta que a educação indígena ocorre para além do espaço escolar, mas também deve passar especialmente pela escola. A coletividade, a organização para a resistência e a cultura são princípios educativos do povo Guaraní Mbyá que precisam estar presentes na Escola.

Também é importante que esteja presente na Educação Escolar Indígena o diálogo entre as culturas. Como por exemplo, podemos citar uma experiência de construção de máscaras

junto às crianças, no Dia da Consciência Negra no mês de novembro, ou ainda a construção de um painel com arte africana.

A imagem abaixo mostra o resultado da construção de um painel com arte africana, realizada pela Professora Aldia com crianças de 12 a 15 anos no Ensino Fundamental.

FIGURA 10 – Construção de Painel com Arte Africana



Fonte: Foto de Neiva Gabriel, 2022

A próxima figura mostra o resultado de uma ação educativa de construção de máscaras africanas realizada pela Professora Neiva Gabriel com crianças de 07 a 09 anos de idade no Ensino Fundamental.

FIGURA 11 – Produção de Máscaras Africanas durante o Dia da Consciência Negra



Fonte: Foto de Neiva Gabriel, 2022

Para fortalecer a Educação Escola Indígena e as próprias comunidades fazemos vários encontros que são realizados em diferentes tekoas. Em alguns destes encontros, aproveitamos para dialogar com outras experiências de educação indígena, encontrando professores que em outras terras fazem acontecer nas escolas nossos princípios educativos.

FIGURA 12 – Encontro de Mulheres Indígenas na Tekpa Ko Ê Ju PorÃ



Fonte: Foto de Jucelina Veríssimo, 2022

FIGURA 13 – Professoras Indígenas no Encontro de Mulheres



Fonte: Foto de Jucelina Veríssimo, 2022

A foto acima é do terceiro dia do Encontro das Mulheres na Aldeia Ko'Ê Ju PorÃ (Marrecas), no município de Turvo, Paraná. O Encontro ocorreu na Escola Indígena da Tekoa. Nesse dia entrevistamos Sebastiana Krexú Palácio sobre a Educação Escolar Indígena e Educação Indígena. Ela é uma professora da comunidade indígena KO`Ê JU PORÃ, e também é acadêmica, fazendo o Curso de Pedagogia em Guarapuava na Uniguairacá.

FIGURA 14 – Professores Indígenas



Fonte: Foto de Jucelina Veríssimo, 2022

A foto acima mostra o professor indígena Rivelino Gabriel junto com a professora Neiva Gabriel. Ela foi tirada no último dia do Encontro das Mulheres Indígenas, onde tiramos um tempo para dialogar com ele sobre o que ele entendia por Educação Escolar Indígena e sobre o que é Educação Indígena. A explicação dele foi do mesmo jeito que está escrito na Constituição, decretada em 1988, junto com as discussões que ocorreram na Organização Internacional do Trabalho (OIT), conforme já descrevemos neste capítulo.

Nesse encontro, ele relatou sua experiência vivida nos tempos da Ditadura Militar no Brasil (1964-1985). Ele relatou que na época que frequentava a escola onde morava, os professores tinham sido contratados da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI). Já existia a educação escolar para os povos indígenas, mas ele relatou que sofria porque os professores não permitiam que ele falasse na língua indígena, e que ele não entendia o que era trabalhado na Escola. Ele desistiu no terceiro ano por não aguentar e não suportar os professores e o ambiente da escola. Não conseguia lidar com ambiente fora da casa.

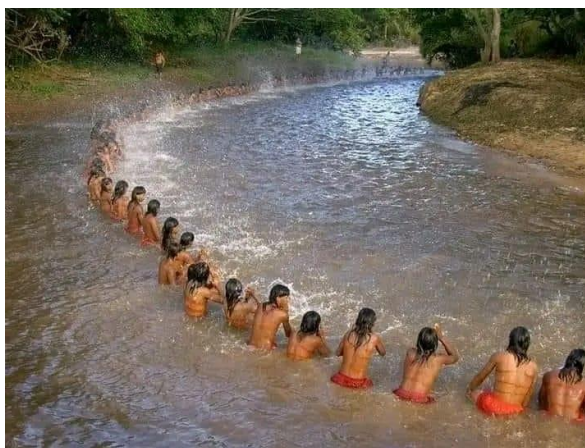
Com a Constituição Federal de 1988, Rivelino continuou sua militância na luta por uma Educação Escolar Indígena em que pudessem estudar na língua materna. Assim como muitos outros indígenas na luta pela resistência indígena, assumiram a luta por uma Educação Escolar Indígena.

CAPÍTULO 03
A EDUCAÇÃO GUARANI MBYÁ A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DA TEKOA
ARAÇÁÍ

“As crianças indígenas não são educadas, mas orientadas. Não aprendem a ser vencedores, porque, para uns vencerem, outros tem de perder. Aprendem a partilhar o lugar onde vivem e o que têm para comer. Tem o exemplo de uma vida onde o indivíduo conta menos do que o coletivo. Este é o mistério indígena, um legado que passa de geração para geração. O que as nossas crianças aprendem desde cedo é pôr o coração no ritmo da terra.” (Ailton Krenak)

O terceiro capítulo trata da Educação Guarani Mbyá a partir da experiência da Tekoa Araçáí. Um processo que envolve a educação escolar indígena, mas que está para além dela. Ela está na relação com a natureza, na cultura e na construção coletiva.

FIGURA 15 - Indígenas e o Rio



Fonte: Imagem disponível em Twitter de Chico Pinto⁴

A Educação Guarani *Mbyá* é composta por conhecimentos, sabedorias, crenças, organização, valorização da cultura e da linguagem. Mas, algumas destas bases estão se perdendo no decorrer dos tempos, o que nos coloca em alerta para o sentido de compreender

⁴ Disponível em <https://twitter.com/ChicoPinto16/status/1539767549113634816> Acesso em setembro de 2022.

as causas dessa situação, mas ao mesmo tempo de encontrar caminhos para que esses conhecimentos possam ser recuperados e aprendidos pelas novas gerações.

A Educação *Mbyá* se relaciona com a natureza e com universo. Na educação *Mbyá* existem várias formas de educação. Elas se expressam no espaço escolar, no espaço onde se vive, no espaço sagrado. Dentro da Educação Indígena Guarani *Mbyá*, esses conhecimentos se expressam em vários espaços a partir da: 1) Educação religiosa; 2) Educação familiar; 3) Educação social; 4) Valorização da cultura; 5) e da Educação Escolar Indígena. Essas formas se integram no dia a dia da *Tekoha*.

Abaixo, descrevemos cada uma delas.

3.1 Educação Religiosa:

A Educação religiosa ocorre a partir da *xejaryi*⁵ e do *xeramoi*⁶, que dão conselhos para as pessoas quando eles se organizam para saírem em algumas lutas ou em alguns movimentos que acontece em qualquer lugar.

Os *Mbyá kuery*⁷ tem costume de se reunir na casa de reza antes de saírem para suas lutas. Enquanto as lideranças, jovens e mulheres saem para alguns movimentos, o restante da comunidade acompanha o *xeramoi* e *xejaryi* pedindo para o *nhanderu*⁸ dar forças para todos aqueles que se encontram fora da aldeia.

FIGURA 16 - Interior da Casa de Reza: primeira escola para os *Mbyá kuery*



Fonte: Foto de Neiva Gabriel Fernandes (20 de junho de 2022)

⁵ *Xejaryi*: significa líder espiritual feminina.

⁶ *Xeramoi*: significa líder espiritual masculino.

⁷ *Mbyá kuery*: significa os povos *Mbyá*.

⁸ *Nhanderú*: significa Deus

A casa de reza é considerada um espaço sagrado. É um lugar de conselhos dos *xeramoí* e *xejaryi*, e de todos os mais velhos. É um lugar de cura, de cantos e danças onde as pessoas religiosas se conectam com os deuses.

A educação religiosa também é trazida para dentro da Educação Escolar Indígena quando realizamos atividades junto com nossas lideranças espirituais. Como por exemplo, as nossas crianças ou alguns parentes ficam doentes e são colocadas as regras pelas pessoas religiosas para dar atenção e observação sobre essa pessoa para não acontecer o pior.

A foto abaixo mostra os estudantes indígenas indo pra casa de reza com os professores *Mbyás* e com o *xeramoí* Marcolino no dia da aula de língua guarani. Os estudantes aprendem através das práticas e da escrita.

FIGURA 18 - Caminho para a Casa de Reza



Fonte: Foto de Neiva Gabriel Fernandes (21 de junho de 2022)

Nas imagens abaixo, apresentamos atividades do Ensino Religioso no Espaço da Casa de Reza a partir da Educação Escolar Indígena.

FIGURA 19 - Aula de Ensino Religioso no Espaço da Casa de Reza



Fonte: Foto de Neiva Gabriel Fernandes (20 de junho de 2022)

FIGURA 20 - Ensino Religioso na Casa de Reza



Fonte: Foto de Neiva Gabriel Fernandes (20 de junho de 2022)

Os Guaranis Mbyás têm uma relação espiritual com a natureza. O milho (*Avati*) é uma planta sagrada usada no batismo das crianças, onde é dado seu nome Guarani Mbyá. Além disso, é parte de sua base alimentar, assim como a mandioca (mandió), o feijão (*kumanda*), o amendoim (*manduyí*), a abóbora (*andai*) e a batata doce (*jety*).

As lideranças espirituais, *Xeramoí* e *Xejaryi*, anciãos que guiam os saberes e práticas Guarani Mbyá, e que fazem parte de seu modo de vida (*Nhandereko*). A música e o canto, ou o canto-reza (*Mborahei*), assim como o uso do *petyngúá* (cachimbo feito por guarani) são formas de ligação com nossa espiritualidade.

3.2 Educação Familiar:

Na educação familiar, as crianças aprendem no dia a dia as coisas boas e coisas ruins por conta das tecnologias novas. Mas algumas pessoas ainda seguem os conselhos dos mais velhos, dos anciãos.

Entre as coisas boas, destacamos o respeito e o amor ao próximo, compartilhar os alimentos ou moradia com os parentes, ajudar o próximo, mostrar o respeito aos mais velhos, evitar aproximação das meninas com os homens que já passam para fases adulta ou com os mais velhos que não sejam o pai ou irmão legítimo. As mães também são aconselhadas para não deixar as meninas saírem com os homens antes de que estejam na fase adulta. Essa intenção é de proteger jovens, adolescentes e crianças de qualquer violência. As mães e os pais tem direito de repassar o que aprenderam quando eram crianças.

Entre as coisas ruins, são todas aquelas que expressam desrespeito, como brigas, agressões, jogos, redes sociais, e alguns filmes. As crianças indígenas Guarani Mbyá aprendem através do olhar eles aprendem através do olhar, e pensam que todas as coisas são boas. Por isso quando os pais são agressivos, as crianças acabam aprendendo. Nesse sentido, o papel da família indígena é de orientar e guiar os bons ensinamentos juntamente com os anciãos da comunidade, juntamente com as lideranças espirituais.

FIGURA 21 – Doação de Alimentos na Escola Mbyá Arandu



Fonte: Foto de Neiva Gabriel Fernandes (21 de junho de 2022)

Atualmente, e principalmente no período de isolamento social por conta da Pandemia de Covid-19 (2020-2022), os *Mbyá kuery* receberam algumas doações nas aldeias. As doações

que recebemos são sempre divididas para todas as pessoas. Essa foto foi o dia da doação de alimentos cozidos.

Esse sentido da partilha de alimentos é parte da Educação Indígena que ocorre na Tekoa Araçaí.

3.3 Educação Social:

A Educação social é uma educação que passa pela organização das comunidades indígenas. Passa pelos trabalhos realizados coletivamente.

Está presente também nas mobilizações e na participação dos indígenas na luta. Está no movimento de ocupação ou retomada dos territórios, está na defesa dos direitos indígenas.

Vários integrantes da Tekoa Araçaí participaram das últimas mobilizações que ocorreram na capital do país, Brasília, como por exemplo os Acampamentos Terra Livre. No ano de 2019, alguns de nossos representantes participaram desta mobilização. Antes de que saíssem da Tekoa, participaram de nossos rituais de proteção que ocorreram na Casa de Reza.

Para os Guaranis Mbyás, os indígenas sempre devem estar de mãos dadas para resolver as suas questões. As comunidades Guarani Mbyá escolhem seus representantes para fazer parte das lutas e também de representa-las nos diferentes espaços de debate e de fortalecimento da resistência indígena.

A educação social ocorre dentro das comunidades e também na relação entre as Tekoas, na relação entre os povos indígenas guaranis, e na relação com outros povos indígenas que estão espalhados pelo Brasil.

FIGURA 22 – Dia de Visitas na Tekoa *Kuaray Haxa*



Fonte: Foto de Neiva Gabriel (2022)

A imagem acima mostra o dia de visita que fizemos na aldeia guarani *Kuaray Haxa* (Raio de Sol), localizada no Litoral do Paraná, na divisa dos Municípios de Antonina e Guaraqueçaba. Essa Tekoa foi bastante afetada pela sobreposição de uma Unidade de Conservação de Proteção Integral, chamada de Reserva Biológica Bom Jesus.

Na visita a esta Tekoa, fomos recebidos com cantos e danças como forma de agradecimento e de cumprimento verdadeiro de nossos antepassados. Em relação à Educação Indígena fomos recebidos na Casa de Reza pelos nossos parentes, pelo cacique Rivelino e por sua esposa Elza Jaxuka.

3.4 Valorização da Cultura:

A valorização e o fortalecimento da Cultura Guarani Mbyá está presente na produção de nossos artesanatos que são utilizados tanto para nosso uso próprio, quanto também para geração de renda. Os principais artesanatos produzidos na Tekoa Araçá são os cestos que carregam os nossos grafismos, os colares e pulseiras, e também os “bichinhos” que são esculturas de animais feito em madeira.

Nossa cultura também está presente na relação de respeito e de integração com a natureza e na forma de produzirmos alimentos a partir de nosso calendário. Está na terra, e na construção de nosso território. Está na defesa de nossos direitos perante os povos não indígenas.

Está no fortalecimento da Casa de Reza, está nos nossos rituais de passagem, proteção e morte, está na forma como cantamos a vida e a natureza, está nas orientações de nossos anciãos, de nossos líderes espirituais. Está presente na Escola *Mbya Arandu*.

Está presente em nossa língua, e na forma como damos o nome indígenas às crianças. Está na forma como educamos as crianças. Está na forma como usamos as plantas medicinais para o cuidado com a saúde.

Nossa identidade cultural carregamos para onde quer que vamos, e fazemos o diálogo com outras culturas. Ensinaamos um pouco de nosso povo, e aprendemos de outros povos.

Nossa cultura representa a resistência do povo Guarani Mbyá.

As imagens abaixo são de uma oficina de tambor, ou *Angu'apu*, que ocorreu no mês de setembro de 2022. As cascas ou os restos da madeira que são retiradas na construção do tambor são jogados bem no meio da mata para que ninguém passe por cima. Por ser uma

planta sagrada para os povos Guarani Mbya, é preciso recoloca-la nas matas. Nestas imagens aparecem os jovens de várias aldeias participando das oficinas, aprendendo a construir um tambor para cada sua comunidade.

FIGURA 23 – Oficina de Tambor



Fonte: Fotos de Neiva Gabriel (Setembro de 2021)

FIGURA 24 – Oficina de Cultura Guarani na Tekoa *Kyaray Haxa*



Fonte: Foto de Neiva Gabriel (10 de Setembro de 2021)

As fotos acima mostram o dia das oficinas da cultura guarani que foram realizadas entre os dias 07 e 11 de setembro de 2022 no território da Aldeia *Kuaray Haxa* (Aldeia Raio de Sol). Foram feitas oficinas de confecção de artesanatos discutindo seus significados e simbologias, e também de instrumentos Guarani Mbya, como por exemplo o *angu`á pu*, ou tambor.

A cultura Guarani Mbyá também está presente nos colares e pulseiras. Nas imagens abaixo apresentamos algumas sementes que são utilizadas na produção de artesanato pelos Guaranis Mbyás. Na primeira foto, as sementes de rosário estão num cesto produzido na comunidade.

FIGURA 25 – Sementes de Rosário (*kapi`i`a*)



Fonte: Foto de Neiva Gabriel (2021)

As sementes de *kapi`i`a*, ou rosário, ou lágrimas de Nossa Senhora que são utilizadas nos colares, pulseiras e também no Filtro dos Sonhos, tem o poder de proteção espiritual. E ao mesmo tempo serve para identificar o povo Guarni Mbyá.

FIGURA 26 – Sementes de *Yvaum* ou Saco de Padre



Fonte: Foto de Neiva Gabriel (2021)

A imagem acima mostra a semente pretinha *yvaum*, também chamada de Saco de Padre. Uma semente sagrada que é utilizada pelos Guarani Mbya para a identificação de nosso povo, e também como usada como proteção. Ela é mais utilizada pelos líderes espirituais na hora de entrada na Casa de Reza para uma cura, ou na hora de cerimônias, ou ainda quando os indígenas vão para suas lutas.

3.5 Educação Escolar Indígena:

Como já destacamos no capítulo anterior, o espaço escolar, onde ocorre a Educação Escolar Indígena, é entendido como espaço essencial onde as crianças *Mbyás* aprendem a ler e escrever na língua própria.

Um espaço que deve cultivar e fortalecer nossa cultura através do processo escolar. Como já comentamos anteriormente, a Educação Indígena vai além da escola, mas também passa por ela. Abaixo, destacamos alguns exemplos de práticas de Educação Indígena que ocorre dentro do espaço escolar.

FIGURA 27 - Dia da aula prática de culinária: processo de fazer



Fonte: Foto de Neiva Gabriel Fernandes (20 de junho de 2022)

Nesta atividade educativa, os jovens Guarani Mbyá aprendem através do olhar, do acompanhamento e da participação nas atividades desenvolvidas pelos adultos. A imagem retrata um dia de aula prática que ocorreu na escola e que indicava o processo de fazer alimentos a partir do pilão. Sempre tem anciões que contribuem com os professores para desenvolver as práticas educativas sobre a nossa cultura.

FIGURA 28 - Aula de Culinária Indígena na Escola



Fonte: Foto de Neiva Gabriel Fernandes (20 de junho de 2022)

FIGURA 29 - Aula pratica de culinária indígena - comendo a alimentação produzida



Fonte: Foto de Neiva Gabriel Fernandes (20 de junho de 2022)

As duas fotos acima mostram a atividade educativa do fazer e do comer coletivamente a alimentação indígena produzida.

A Educação Escolar Guarani *Mbyá* traz o conhecimento para as crianças dentro da escola para aprender os conhecimentos científicos e tradicionais dos povos *Mbyás*. Através da culinária as crianças se conscientizam de que os alimentos *Mbyá* eram diferentes do que consumimos hoje. Através da aula prática os alunos aprendem a conhecer a vida dos povos indígenas de antigamente e a vida dos povos atuais.

Dentro da escola são desenvolvidas as atividades direcionadas às realidades dos alunos, principalmente nas disciplinas de Artes e Língua Guarani *Mbyá*. As crianças aprendem a fazer os grafismos e ao mesmo tempo vão compreendendo seus significados. Também aprendem os significados de todas as práticas culturais do povo Guarani *Mbya*. Na escola, o primeiro passo é que as crianças Guarani *Mbya* aprendam suas línguas e suas práticas culturais, e num segundo momento, com o passar do tempo são alfabetizados desde os sete anos de idade nas series iniciais até as series finais.

A imagem abaixo é a foto de uma aula sobre grafismo indígena e seus significados.

FIGURA 30 - Aula de Grafismos



Fonte: Foto de Neiva Gabriel Fernandes (20 de junho de 2022)

A Educação Gurani Mbya envolve respeitar sempre as diferenças, os diferentes povos, línguas e religião. Na foto abaixo, no Curso de Licenciatura em Educação do Campo, do qual fazem parte integrantes da Tekoa Araçáí demonstra esse diálogo de saberes. Ela foi tirada durante uma atividade do Tempo Universidade que ocorreu no ano de 2022. Nela, estão presentes os povos *Mbyá kuery*, os quilombolas, caiçaras os pescadores e integrantes do Movimento Sem Terra.

FIGURA 31 - Estudantes da LECAMPO



Fonte: Foto de Neiva Gabriel Fernandes (08 de julho de 2022, Praia de Caiobá)

Os Guaranis *Mbyá* sempre estiveram com outros povos caminhando juntos, ocupando os espaços e defendendo os direitos dos povos tradicionais. Temos o direito de manter a nossa resistência, seja na educação, na saúde, e nas lutas em geral. Sempre caminhamos juntos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho busca sistematizar o conhecimento coletivo Guarani Mbyá sobre a Educação Indígena e a Educação Escolar Indígena a partir da experiência construída na Tekoa Araçáí.

É importante destacar que a Educação Indígena para os povos guaranis está presente na própria organização do território indígena, está na sua cultura, nas aprendizagens com as lideranças espirituais, está presente na Casa de Reza, no dia a dia das famílias indígenas, na brincadeira, no fazer da luta pela resistência.

Mas ela está presente também no espaço escolar, ou na Educação Escolar Indígena. Uma das principais conquistas da escola indígena é que as crianças tem o direito de aprender a ler e escrever antes em sua língua materna, e depois na língua não indígena. Na escola indígena é fundamental que se trabalhe a cultura indígena para que ela possa se fortalecer e fortalecer a resistência de nosso povo.

Para o povo Guarani Mbyá, é importante também aprender com outros povos, outras nações indígenas, e esse processo ocorre nos momentos em que nos encontramos, que fazemos a luta, que compartilhamos experiências, que conversamos sobre nossos direitos, e que nos organizamos, como por exemplo, na Comissão *Yvyrupa*.

Esperamos que com este trabalho que é também um pouco da memória de nosso povo Guarani Mbyá possa contribuir tanto com a Escola *Mbya Arandu*, como para os povos não indígenas, ou juruás, que compreendam um pouco mais do nosso modo de vida, da nossa história, da nossa ancestralidade, e das nossas lutas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGAMASCHI, Maria Aparecida; MEDEIROS, Juliana Schneider. História, Memória e tradição na Educação Escolar Indígena: o caso de uma Escola Kaingag. *In: Revista Brasileira de História*. Dossiê História, Educação e Interdisciplinaridade. Vol. 30. No. 60. São Paulo: Revista Brasileira de História, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/xwLfPnXVfss8xgqJScZQyps/?lang=pt#:~:text=Inicia%2Dse%20na%20d%C3%A9cada%20de,sa%C3%BAde%20e%20%C3%A0%20educa%C3%A7%C3%A3o%20diferenciada> Acesso em setembro de 2022.

BRASIL. **Constituição de 1988**. Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Brasileira (LDB)**. Lei no. 9394 de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. MEC. **Referencial Curricular para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1988.

BRASIL. **Plano Nacional de Educação**. Educação Indígena. Publicada em 09 de janeiro de 2001. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/110172.htm#:~:text=LEI%20No%2010.172%2C%20DE%209%20DE%20JANEIRO%20DE%202001.&text=Aprova%20o%20Plano%20Nacional%20de,com%20dura%C3%A7%C3%A3o%20de%20dez%20anos . Acesso em janeiro de 2023.

COMISSÃO YVYRUPA. **O que é a Comissão Yvyrupa?**. Produção: O Riacho; NICFI, 2022. Vídeo: 6:23 min. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=5-7I4no06Go> Acesso em fevereiro de 2023.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA). Guarani Mbyá. *In: Povos Indígenas no Brasil. PIB. Online: ISA, 2016. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Guarani_Mbya . Acesso em fevereiro de 2023.*

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA). Guarani Mbyá. *In: Povos Indígenas no Brasil. PIB. Online: ISA, 2016. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Guarani_Mbya . Acesso em fevereiro de 2023.*

SOUZA FILHO, Carlos Frederico Marés de; SILVA; Liana Amin Lima de; OLIVEIRA, Rodrigo; MOTOKI, Carolina; GLASS, Verena (org.) **Protocolos de consulta prévia e o direito à livre determinação**. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo; CEPEDIS, 2019.

OIT. **Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho**. 1989, n.p.

PARANÁ – SEED. Superintendência de Educação. Departamento da Diversidade. Coordenação da Educação Escolar Indígena. **Relato de Intercâmbio entre Comunidades Guarani**. Curitiba, PR: SEED/PR, 2011.

PARANÁ -SEED. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. Departamento da Diversidade. Coordenação da Educação Escolar Indígena. **Nhandereko Jaikuaave Aguã** – Guarani Nhandewa. Curitiba: SEED – Pr., 2011.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. **Experiências Pedagógicas de Professores Guarani e Kaingang**. Cadernos temáticos da diversidade. Curitiba: SEED-PR, 2010. 120p.

SEED-PR. **Ler, escrever e ser Guarani no Paraná: Experiências Pedagógicas de Professores Guaranis e Kaingangs**. Cadernos Temáticos da Diversidade. Curitiba: SEED-PR, 2010

ANEXOS

Curso de Licenciatura em Educação do Campo – Ciências da Natureza

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado (a) e/ou participar na pesquisa de campo referente ao Trabalho de Conclusão de Curso intitulado(a) **A EDUCAÇÃO INDÍGENA GUARANI MBYÁ** na UFPR - Setor Litoral, desenvolvida(o) pela estudante NEIVA GABRIEL **FERNANDES (ARÁPOTY)**. Fui informado(a), ainda, de que a pesquisa é orientada pela professora Dra. ÂNDREA FRANCINE BATISTA, a quem poderei contatar / consultar a qualquer momento que julgar necessário. Afirmando que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado (a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pela orientadora e orientanda para a produção do Trabalho Final. Fui ainda informado (a) de que posso me retirar dessa pesquisa a qualquer momento.

Piraquara, PR, 07/04/2023

Cidade, data.

Nome Completo do (a) Participante:

Assinatura do (a) participante: _____

Nome Completo da Pesquisadora: **NEIVA GABRIEL FERNANDES**

Assinatura do (a) pesquisador (a): _____